

O papel do conector *aliás* na articulação de argumentos e na construção de imagens identitárias

The role of the connective *aliás* in the articulation of arguments and in the construction of identity images

Gustavo Ximenes Cunha*

RESUMO

Procedemos, neste trabalho, ao estudo dos usos do conector *aliás* no último debate eleitoral da campanha à Presidência da República do Brasil, ocorrida em 2018, investigando o modo como as onze ocorrências do conector constantes do debate auxiliam na articulação e hierarquização de argumentos, na defesa de pontos de vista e na construção de imagens identitárias pelos candidatos. A perspectiva teórica que seguimos é a da Semântica da Enunciação (ou Pragmática integrada). No debate, identificamos dois usos do conector, um em que introduz um argumento suplementar e outro em que introduz uma correção ou retificação. Em ambos os usos, o conector, indicando rupturas enunciativas entre os argumentos que conecta, desempenha um papel estratégico. Empregando-o, o locutor busca atribuir diferentes graus de importância aos argumentos, graduar a maior ou menor amplitude de seu público-alvo, bem como poupar-se de ataques, corrigindo-se.

Palavras-chave: conector *aliás*; argumentação; debate eleitoral.

Recebido em 1 de maio de 2021.

Aceito em 4 de julho de 2021.

DOI: <http://doi.org/10.18364/rc.2022n62.512>

* Universidade Federal de Minas Gerais, CNPq, ximeneskunha@yahoo.com.br,
<https://orcid.org/0000-0001-9953-1204>

ABSTRACT

The language is an object of diversified analysis, with points of view based on In this study, we investigated the uses of the connective aliás in the last electoral debate of the campaign for the Presidency of the Republic of Brazil, which took place in 2018. In the debate, we identified eleven occurrences of the connective. We investigated the role of these eleven occurrences in the articulation and hierarchy of arguments, in the defense of points of view and in the construction of images (faces) by the candidates. As a theoretical framework, we follow the perspective of the Enunciation Semantics (or integrated pragmatics). In the debate, we identified two uses of the connective, one in which it introduces a supplementary argument and another in which it introduces a correction or rectification. In both uses, the connective, indicating enunciative rupture between the arguments, plays a strategic role. Using the connective, the speaker attributes different degrees of importance to the arguments, grading the breadth of his target audience, as well as saving himself from attacks, correcting himself.

Keywords: connective *aliás*; argumentation; electoral debate.

Introdução

Neste trabalho, buscamos contribuir com a caracterização de um conector específico do português, o *aliás*. Embora esse conector já tenha sido objeto de investigações sincrônicas e diacrônicas, que revelaram sua multifuncionalidade em textos orais e escritos, produzidos em português brasileiro e em português europeu (ALMEIDA, 2013; CASTRO, 1997; KOCH, 1997; 2006; 2008; LOPES, 2014; 2017; OLIVEIRA, 2001; RAMOS, 2019; 2020; ROSÁRIO; RAMOS, 2020), a literatura sobre o *aliás* é ainda relativamente reduzida, se comparada à extensa literatura sobre conectores como *mas* e *porque*. Para uma melhor compreensão do papel do *aliás*, fazem-se necessários, então, estudos complementares, que investiguem sua atuação em outros contextos e em outros *corpora*. Nesse sentido, procedemos, neste trabalho, ao estudo dos usos do *aliás* no último debate eleitoral da campanha à Presidência da República do Brasil, ocorrida em 2018, investigando, em especial, o modo como as onze ocorrências do conector constantes do debate auxiliam na articulação e hierarquização de argumentos, na defesa de pontos

de vista e na construção de imagens identitárias pelos candidatos que o utilizam. Buscamos, assim, contribuir não só para uma melhor caracterização do conector em foco, mas ainda para uma melhor compreensão do papel dos conectores na dinâmica própria do gênero debate.

A perspectiva teórica que seguimos é a da Semântica da Enunciação (ou Pragmática integrada (ANCOMBRE; DUCROT, 1983)), em razão da centralidade que os conectores assumem nessa abordagem e da possibilidade de, por meio dela, revelar não apenas as instruções de ordem semântica que os conectores carregam, mas também o papel que desempenham no plano enunciativo e polifônico das produções discursivas. Neste estudo, apoiamos, especialmente, na caracterização proposta por Ducrot et al. (1980, p. 193-236) para o conector do francês *d'ailleurs*. Ainda que sejamos conscientes de que a correspondência no funcionamento de conectores de línguas distintas é sempre aproximada e nunca integral (LUSCHER, 1994; PORTOLÉS, 2002; ROSSARI, 1993; 2001), assumimos, neste trabalho, que a caracterização proposta para o *d'ailleurs* por Ducrot et al. (1980) pode auxiliar na compreensão do papel do *aliás*.

Na ausência de estudo comparativo dos usos de ambos os conectores, basear o estudo do *aliás* em uma caracterização proposta para o *d'ailleurs* é um procedimento que deve ser justificado. Em diferentes dicionários português-francês, registra-se o *aliás* como a principal ou mesmo única tradução para o *d'ailleurs* e vice-versa (LAROUSSE, 2008; MAROTE, 2002; MICHAELIS, 2021). Além disso, na tradução brasileira de Maingueneau (1997, p. 181-183), o título da seção “D’ailleurs”, dedicada à descrição das propriedades desse conector na perspectiva de Ducrot et al. (1980), bem como as ocorrências do *d'ailleurs* nessa seção são traduzidos como “aliás”. Por fim, parte dos trabalhos que consultamos sobre o *aliás* se baseia explicitamente na caracterização que linguistas francófonos propuseram para o *d'ailleurs*. Enquanto Castro (1997) e Koch (1997; 2008) baseiam-se na proposta semântico-enunciativa de Ducrot et al. (1980), Almeida (2013) baseia-se na proposta pragmático-cognitivista de Luscher (1994). Constata-se, assim, que uma equivalência nos

usos dos conectores é percebida por dicionaristas, tradutores e linguistas, o que nos leva, como exposto, a avaliar como pertinente estender para o *aliás* a descrição proposta, no quadro da Semântica da Enunciação (DUCROT et al., 1980), para o *d’ailleurs*, sem, contudo, perder de vista as descrições já propostas para o *aliás*.

Para alcançar o objetivo de investigar o papel das onze ocorrências do *aliás* constantes no último debate eleitoral da campanha presidencial de 2018, apresentaremos inicialmente a caracterização proposta por Ducrot et al. (1980) para o *d’ailleurs*. Em seguida, realizaremos, à luz dessa caracterização, o estudo das ocorrências de *aliás* presentes no debate eleitoral selecionado.

1. Bases para uma caracterização semântico-enunciativa do conector *aliás*

Na perspectiva da Semântica da Enunciação (ANCOMBRE; DUCROT, 1983), todos os empregos do conector *d’ailleurs* (doravante *aliás*) correspondem a um mesmo esquema semântico: “r: P *aliás* Q” (DUCROT et al., 1980, p. 195). Conforme esse esquema, P e Q são elementos semânticos que funcionam ou como argumentos (P e Q) ou como conclusão (r), sendo P e Q os argumentos que conduzem a r. Esses elementos semânticos apresentam uma natureza heterogênea, podendo ser proposições, atos ilocucionários, atos de enunciação, e se distinguem dos segmentos discursivos (enunciados) por meio dos quais se materializam na superfície textual. Porque esses elementos não se confundem com os enunciados que os materializam, um desses elementos, como P ou mesmo r, pode estar implícito nos empregos efetivos do *aliás*.

Do ponto de vista argumentativo, P e Q são argumentos independentes um em relação ao outro. Assim, os enunciados que materializam P e Q constituem o resultado de enunciações distintas, cada um desses elementos semânticos constituindo um argumento independente para r. Nesse sentido, “não é a conjunção P+Q que é dada como um argumento, mas cada um dos termos isoladamente” (DUCROT et al., 1980, p. 198). Por isso, mesmo nos

casos em que P e Q são atos de fala de igual tipo ilocucionário (asserção, por exemplo), ambos correspondem a atos distintos e não a duas proposições tomadas como uma única asserção¹.

É a autonomia de um argumento em relação ao outro que possibilita ao locutor apresentar Q, elemento introduzido pelo *aliás*, como um argumento suplementar ou como um movimento argumentativo distinto de P². Nos termos de Ducrot et al. (1980, p. 195, grifo dos autores),

na medida em que P devia já conduzir a r, Q é assim apresentado como não sendo necessário à argumentação. O locutor pretende, portanto, não *utilizar* Q, mas somente o *evocar* (em outros termos, apresentando Q como um argumento, ele pretende não argumentar a partir de Q).

Como exemplo prototípico do uso do *aliás*, os autores propõem este enunciado (DUCROT et al., 1980, p. 195):

(1) Não quero alugar essa sala (r): ela é muito cara (P), *aliás*, ela não me agrada (Q).

-
- 1 A independência de P e Q pode ser atestada formalmente, por exemplo, pela impossibilidade de se negar o bloco formado por P e Q (DUCROT et al., 1980).
 - 2 Em Ducrot et al. (1980), encontra-se uma primeira teorização acerca do regime enunciativo dos enunciados. É apenas em Ducrot (1987) que esse regime recebe uma formulação mais precisa. Por isso, neste trabalho, valemo-nos das categorias enunciativas propostas em Ducrot (1987), que cinde o sujeito produtor do discurso em diferentes instâncias: produtor empírico, locutor L, locutor λ , enunciadore. O produtor empírico ou o sujeito falante efetivo é uma instância que, para Ducrot, deve ser excluída da descrição linguística, porque a descrição que o enunciado oferece da enunciação não comporta marcas que remetam ao produtor efetivo. O locutor L é definido como “um ser que é, no próprio sentido do enunciado, apresentado como seu responsável, ou seja, como alguém a quem se deve imputar a responsabilidade deste enunciado” (1987, p. 182). O locutor L dirige-se ao alocutário. O locutor λ se distingue do locutor L por ser um objeto do enunciado (o eu dos enunciados em 1ª pessoa) e por nunca ser o responsável pela enunciação, que é sempre o locutor L. Por fim, os enunciadore são pontos de vista abstratos que o locutor L traz em seu discurso e em relação aos quais exhibe diferentes graus de concordância ou discordância. Os enunciadore dirigem-se a destinatários (CUNHA, 2016).

Nesse enunciado, P e Q são argumentos coorientados que conduzem à mesma conclusão r. Porém, P e Q não têm o mesmo estatuto ou não exercem o mesmo papel na sustentação de r. Na estrutura “r: P *aliás* Q”, a enunciação de Q é apresentada como não prevista pelo locutor, no momento em que enunciou P. No exemplo, o locutor faz parecer que sua recusa em alugar a sala (r) tem como único argumento a carestia do imóvel (P) e que seu desagrado (Q) é um argumento inesperado, que lhe ocorreu somente durante ou após a enunciação de P, Q constituindo, assim, um novo ato. É nesse sentido que, como expresso, o locutor, ao empregar o *aliás*, faz parecer que seu intuito é argumentar a partir de P e implica (no sentido de Grice (1975)) que Q é desnecessário ou dispensável à sustentação de r (ROULET et al., 1985). Contudo, como ressaltam Ducrot et al. (1980, p. 214), “não dizemos que Q é não indispensável, mas que ele é apresentado como tal pelo locutor”, já que apresentar Q como dispensável pode servir a diferentes propósitos do locutor, como veremos na sequência.

De acordo com a caracterização proposta até o momento para o *aliás*, esse conector dá a instrução de que, para compreender o segmento em que ele ocorre, o alocutário precisará encontrar dois argumentos para uma mesma conclusão, argumentos que são independentes, apenas o segundo (*aliás* Q) sendo apresentado como desnecessário à sustentação da conclusão (ROULET et al., 1985). Essa caracterização geral está na base dos diferentes usos do *aliás* e, por isso, auxilia na compreensão da multifuncionalidade do conector, bem como do papel que pode exercer na construção de imagens identitárias pelo locutor³.

3 Na literatura sobre o conector em dados de língua portuguesa, o papel mais recorrentemente atribuído ao *aliás* é o de marcador de relações de reformulação (parafrástica e não-parafrástica (retificação parcial ou integral)) e de digressão (comentário parentético), papel já atribuído ao conector pela tradição gramatical, que o categoriza como advérbio ou palavra denotativa de retificação (BECHARA, 2009). Menos consensualmente, a literatura registra ainda o papel do *aliás* na marcação de relações de generalização/ extensão (KOCH, 2006; 2009), inclusão/adição, contraste e explicação (RAMOS, 2019; 2020; ROSÁRIO; RAMOS, 2020). Na literatura consultada, o papel do *aliás* na construção de imagens identitárias pelo locutor não é considerado.

Como informado, porque os argumentos P e Q são independentes, é comum nas ocorrências do *aliás*, P estar implícito e o enunciado “*aliás* Q” vir logo após a conclusão r. Como o *aliás* instrui o alocutário a buscar dois argumentos para r, o conector, nesses casos, sinaliza que, mesmo na ausência material do primeiro argumento (P), esse argumento existe, mas, por razões contextuais variadas, foi omitido. Ducrot et al. (1980, p. 199) ilustram o fenômeno comparando estes dois enunciados:

- (2) Sei que Júlio veio: os cinzeiros estão cheios.
- (3) Sei que Júlio veio; *aliás*, os cinzeiros estão cheios.

Em (2), o fato de os cinzeiros estarem cheios é dado como o único argumento (uma prova) para sustentar a conclusão de que Júlio veio. Já em (3), o mesmo fato é apresentado como um argumento suplementar e como não sendo aquele que efetivamente foi decisivo para concluir pela vinda de Júlio. Por isso, a estrutura argumentativa de (3) seria semelhante a este enunciado (DUCROT et al., 1980, p. 199):

- (4) Júlio veio (r); tenho uma prova P disso, *aliás*, os cinzeiros estão cheios (Q).

A mesma independência dos argumentos articulados pelo *aliás* permite que, em outros usos do conector, Q seja apresentado pelo locutor como uma autocorreção (retificação), como neste exemplo adaptado de Ducrot et al. (1980, p. 208):

- (5) Pedro não virá. *Aliás*, nem João.

Nesse enunciado, o argumento introduzido pelo conector é apresentado como algo de que o locutor se lembrou apenas enquanto expressava o primeiro argumento. Por isso, o segundo argumento surge no discurso como uma informação inesperada.

A percepção de que os elementos P e Q articulados pelo *aliás* são independentes e dessemelhantes do ponto de vista argumentativo permite descrever os usos do conector que sinalizam rupturas do quadro enunciativo, ou seja, usos em que, na passagem de P para Q, ocorrem modificações seja no alvo dos argumentos, seja na instância enunciativa responsável por esses mesmos argumentos (DUCROT et al., 1980). Na base desses usos, está o fato, já apontado, de que o *aliás* permite ao locutor fazer parecer que o argumento que sustenta a conclusão r é P (primeiro argumento) e que Q (segundo argumento) constitui uma informação inesperada e desnecessária para ele e para o alvo de P (mas não para o alvo de Q).

Quando ocorrem rupturas enunciativas, o locutor, ao dizer “r: P *aliás* Q”, pode promover uma mudança explícita nos enunciadores ou nas instâncias responsáveis por P e Q. Nesse caso, o locutor atribui P e Q a enunciadores distintos e se responsabiliza apenas por P ou, melhor dizendo, se identifica apenas com o enunciador responsável por P. Como se pode supor, essa mudança explícita nos enunciadores é acompanhada de uma mudança explícita do alvo de seus argumentos. Ao enunciar P, o locutor constrói um primeiro destinatário cuja característica é considerar P como um argumento suficiente para a conclusão r. Porém, ao enunciar *aliás* Q, o locutor revê a pertinência de P para o convencimento do alocutário e constrói um segundo destinatário que, diferentemente do primeiro, precisa do argumento Q para concluir r.

Com o auxílio dessa noção de ruptura enunciativa, compreende-se melhor o papel, já assinalado, do *aliás* na indicação de que o argumento que introduz (Q) é apresentado pelo locutor como desnecessário (ROULET et al., 1985). Se esse argumento é desnecessário para o primeiro enunciador e para o primeiro destinatário, para os quais apenas P já é um argumento suficiente para sustentar a conclusão r, não o é para o segundo enunciador e para o segundo destinatário. O conector atua, assim, na sinalização de que, para se chegar à conclusão r, existem caminhos alternativos ou argumentos situados em diferentes “espaços argumentativos” (DUCROT et al., 1980,

p. 219), argumentos que, por serem distintos, não convencem os mesmos destinatários. O conector sinaliza ainda que, para o locutor, o argumento mais pertinente ou indispensável é o assumido pelo primeiro enunciador, com o qual se identifica, e capaz de convencer o primeiro destinatário, com quem compartilha as mesmas reações, e que o elemento introduzido pelo *aliás* é um argumento de que eles não precisam para chegar à conclusão r.

A caracterização polifônica do *aliás* e dos argumentos que articula, proposta por Ducrot et al. (1980), auxilia no entendimento das ocorrências do conector em que a informação introduzida por ele antecipa e impede eventuais reações do alocutário. Neste exemplo, que simula uma interação em uma cafeteria, o argumento Q impede o cliente de pedir qualquer outra marca de cigarros (DUCROT et al., 1980, p. 221):

- (6) – Me dê Gitanes.
– Não posso te dar (r): não tenho Gitanes (P). *Aliás*, não vendo cigarros (Q).

Para o locutor e para o enunciador que assume a responsabilidade por P, este é um argumento suficiente para sustentar r. No entanto, supondo que o alocutário pode demandar outra marca de cigarros, o locutor se antecipa a essa demanda, construindo um segundo enunciador e um segundo destinatário que necessitam do argumento Q para chegarem à conclusão r. Nesse caso, Q nega um implícito derivável de P, a saber: “Não tenho Gitanes, mas tenho outras marcas de cigarro”.

A caracterização polifônica do *aliás* lança luzes ainda sobre os usos contra-argumentativos (concessivos) do conector em dados do francês, em que os argumentos que articula (P e Q) estão anteriorizados e em que Q aparentemente não sustenta a conclusão r. Este exemplo, também extraído de Ducrot et al. (1980, p. 224) e colhido de uma emissão radiofônica, traz uma crítica dirigida ao autor de uma peça teatral:

- (7) Existe na sua peça, de que algumas cenas são *aliás* muito belas, qualquer coisa de aproximativo, de inacabado, enfim, de desagradável⁴.

Em P, o locutor atribui a um primeiro enunciador o julgamento de que na peça há uma série de problemas. Em Q, atribui a um segundo enunciador o julgamento de que a peça possui uma qualidade (a beleza de algumas cenas). Há, portanto, dois argumentos que levam a conclusões opostas – a peça é ruim (argumento P); a peça é boa (argumento Q) – e que, por isso, se endereçam a destinatários que não compartilham os mesmos parâmetros estéticos. A fim de sinalizar que se identifica com o ponto de vista do primeiro enunciador (argumento P), o locutor introduz o argumento Q (favorável à peça) com o *aliás*, marcando-o, assim, como dispensável ou como um argumento de que ele e o primeiro enunciador não necessitam.

Conforme a descrição proposta por Ducrot et al. (1980) desse exemplo, Q, por se opor à conclusão de que a peça é ruim, constituiria uma marca de objetividade. Afinal,

[...] sinalizando objeções à sua própria tese, o locutor se dá uma aparência de objetividade. Ele se apresenta como sendo capaz de ver outros pontos de vista que o seu. Por isso mesmo, valoriza-se seu ponto de vista, que parece ser resultante de um esforço de clarividência, de honestidade e não de um preconceito (DUCROT et al., 1980, p. 225).

4 Os trabalhos que consultamos sobre o conector em dados de língua portuguesa não registram o uso concessivo do *aliás*. Apenas Ramos (2019, 2020) e Rosário e Ramos (2020) indicam o papel do conector na sinalização de uma relação aproximada, a de contraste. A ausência de registro de usos concessivos do *aliás*, em dados do português, pode se dever a uma diferença entre o conector português e o conector francês. Cabe destacar, no entanto, que o exemplo (7), traduzido do francês, nos parece bastante aceitável em português e que, em alguns trabalhos consultados, ocorrências do conector analisadas como marcas de digressão (comentário parentético) e comutáveis por “diga-se de passagem” (LOPES, 2014) ou como operadores argumentativos nos parecem poder ser analisadas também como concessivas ou, mais amplamente, como contra-argumentativas, dada a antiorientação dos enunciados conectados pelo *aliás*. Assim, a hipótese, a ser verificada em pesquisas futuras, de esse conector sinalizar relações de contra-argumento (concessão, contraste, antítese, etc.) nos parece plausível.

Nesse sentido, revelando a objetividade do locutor, Q indicaria que P, argumento a que o locutor adere, é bem fundamentado, contribuindo, ainda que indiretamente, para a sustentação da conclusão r: a peça é ruim.

Um aspecto, no entanto, apenas tangenciado na descrição proposta por Ducrot et al. (1980), mas necessário à compreensão do exemplo e dos empregos contra-argumentativos (concessivos) do *aliás* é seu papel na preservação da imagem identitária (ou face, no sentido de Goffman (1967)) do alocutário. Uma vez que o alocutário é o autor da peça duramente criticada em P, o argumento Q, por meio do qual o locutor cria um enunciador e um destinatário favoráveis à peça, serve a dois propósitos: i) antecipar, impedindo, uma objeção do alocutário relativa a qualidades que a peça teria e que não foram consideradas e ii) amenizar o grau de agressividade da crítica feita em P contra a peça e seu autor. De todo modo, em razão da instrução dada pelo *aliás* de que o argumento que introduz é suplementar e dispensável e de que, portanto, não é a esse argumento que o locutor adere, o que prevalece, no exemplo (7), é o ataque realizado em P, ficando enfraquecido o papel do conector na proteção da face do autor da peça e podendo o locutor ser avaliado por ele e por ouvintes da emissão radiofônica como agressivo e não (só) como objetivo.

Nessa perspectiva, a descrição polifônica do *aliás* contribui sobremaneira para evidenciar um aspecto do funcionamento desse conector em seus diferentes usos que seu emprego contra-argumentativo (concessivo) ilustra de forma exemplar. Em especial nos casos em que o conector sinaliza uma ruptura enunciativa, com o locutor aderindo ao argumento P de um enunciador e dispensando o argumento Q de outro, ataca-se, de forma mais ou menos intensa, a imagem deste enunciador e, por extensão, dos destinatários que compartilham seu ponto de vista. Afinal, ao introduzir Q pelo *aliás*, o locutor faz parecer que esse argumento, que pode ser caro ao alocutário, é dispensável, um simples acréscimo que não merece atenção ou maiores justificativas, argumento que pode, por isso mesmo, ser subtraído da discussão. Verifica-se, assim, que o *aliás* exerce papel importante no modo como o locutor constrói imagens identitárias no intuito de alcançar diferentes propósitos, como convencer, atacar ou enaltecer o alocutário, marcando, por

meio do conector, determinados pontos de vista como necessários e outros como desnecessários. Desse modo, o *aliás* pode exercer um papel relevante em argumentações que, à maneira da que ocorre no debate eleitoral que analisaremos no próximo item, se caracterizam pela construção de imagens identitárias por meio da defesa e dos ataques de pontos de vista antagônicos.

2. O papel do conector *aliás* em um debate eleitoral presidencial

O debate eleitoral selecionado foi um dos eventos da campanha à Presidência da República de 2018. Promovido pela Rede Globo, ele ocorreu no primeiro turno eleitoral, em 04/10/2018 (quinta-feira), três dias antes da votação em 07/10/2018 (domingo). Como no segundo turno não houve debates, o debate escolhido foi o último dessa campanha. Dele participaram os seguintes candidatos: Alvaro Dias (Podemos), Ciro Gomes (PDT), Fernando Haddad (PT), Geraldo Alckmin (PSDB), Guilherme Boulos (Psol), Henrique Meirelles (MDB) e Marina Silva (Rede)⁵. Nesse debate, foram identificadas onze ocorrências do *aliás*, sendo três produzidas por Alvaro Dias, três por Geraldo Alckmin, três por Guilherme Boulos e duas por Henrique Meirelles. Todas as ocorrências correspondem ao esquema semântico proposto por Ducrot et al. (1980, p. 195): “r: P *aliás* Q”. Em oito delas, os argumentos P e Q e a conclusão r materializam-se na superfície textual, como neste excerto⁶:

5 O debate completo está disponível em:

<https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/noticia/2018/10/05/veja-a-integra-do-debate-na-globo.ghml>. Acesso: 30 abr. 2021.

6 Convenções de transcrição: / - \ (contorno melódico continuativo ascendente, plano ou descendente), // = \\ (contorno melódico conclusivo ascendente, plano ou descendente), . .. (pausa mais ou menos longa), : :: (alongamento mais ou menos acentuado), sublinhado (recobrimento de fala), [] comentário, risos, mudança de elocução ou de amplitude, () palavra cuja compreensão é incerta, (X) sílaba incompreensível (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001, p. 407). Nos excertos, a conclusão r, os argumentos P e Q e as ocorrências do conector estão indicados em negrito, e ao final de cada excerto informamos entre colchetes o candidato que é por ele responsável. Os onze excertos em que ocorre o *aliás* encontram-se no anexo deste trabalho.

- (8) (r) você, junto com o Temer/ o Bolsonaro/ apoiou a reforma trabalhista que retirou direitos históricos dos trabalhadores\ (P) pra vocês/ pra o trabalhador ter emprego/ ele não pode ter direitos\ pra o trabalhador ter emprego ele não pode ter carteira assinada/ férias\ aliás (Q) o vice do Bolsonaro defendeu a mesma coisa\ [Guilherme Boulos]

Em sete ocorrências, de que o excerto acima é um exemplo, verifica-se a correspondência entre a ordem dos elementos no esquema semântico e a ordem em que esses elementos se textualizam, a conclusão antecedendo os argumentos e o argumento P antecedendo o argumento Q. Em apenas uma ocorrência, reproduzida a seguir, Q constitui uma apositiva subordinada a um termo topicalizado (“essa turma toda”) da sentença que expressa P (“a turma do PSDB, do Meirelles, essa turma toda [*aliás* Q] essa turma toda não vai mudar”), Q, portanto, ocorrendo inserido em P.

- (9) (r) agora quero dizer o seguinte\ o sistema político brasileiro tá podre\ (P) a turma do PMDB do Meirelles essa turma toda/ (Q) que aliás o Bolsonaro faz parte\ que diz que é de fora do sistema mas é deputado há trinta anos/ recebeu auxílio-moradia tendo casa enriqueceu na política/ comprou mais imóveis do que aprovou projeto/ (P) essa turma toda não vai mudar\ [Guilherme Boulos]

As três ocorrências em que nem todos os elementos se materializam foram produzidas por Dias. Em uma delas (10), o candidato deixa implícito o argumento P. Embora implícito, esse argumento é inferível e, conforme nossa interpretação, corresponde aproximadamente a: “O governo de vocês apresenta os problemas A, B, C”.

- (10) (r) vocês é que são uma brincadeira governando\ (P = Ø) e aliás (Q) quando cê fala do seu desempenho no Ministério da Educação/ eu fico pensando que você estava na Dinamarca\ [Alvaro Dias]

Nas outras duas ocorrências, que constituem as únicas do debate em que, com o *aliás*, um candidato se corrige (retificação), Dias deixa implícita a conclusão r:

- (11) (**r = Ø**) (**P**) ali está o meu formulador/ um dos formuladores/ que é o Pedro o:/ **aliás** (**Q**) o Paulo Rabello o meu vice-presidente/ grande formulador de propostas/ economista do ano/ [Alvaro Dias]
- (12) (**r = Ø**) (**P**) e nós devíamos ter já até 2017 trinta por cento das crianças de zero a três anos/ nas creches\ **aliás** (**Q**) deveríamos ter cinquenta por cento/ temos trinta por cento/ [Alvaro Dias]

Ainda que implícitas, as conclusões são inferíveis. O excerto (11) faz parte de intervenção em que Dias responde a uma pergunta de Alckmin sobre educação. Após um breve preâmbulo em que se diz constrangido de apresentar propostas, em razão das várias propostas que a população ouve da classe política⁷, Dias produz o excerto. Dado seu teor, a conclusão que o excerto sustenta se aproxima de algo como: “Tenho uma boa equipe” ou “Tenho uma equipe formada por pessoas competentes”. No excerto (12), seu teor, bem como o trecho que o antecede imediatamente (“eu fui relator no plano nacional da educação”) permitem interpretar que as informações nele expressas conduzem a uma conclusão *r* que se pode formular aproximadamente como: “Conheço a realidade da educação” ou “Sei o que fazer em matéria de educação”.

Mesmo nessas três ocorrências produzidas por Dias, em que nem todos os elementos do esquema semântico se textualizam, a ordem dos elementos materializados é próxima de sua ordem no esquema, a conclusão sendo seguida do argumento (10) e o argumento P sendo seguido do argumento Q (11, 12). A tendência observada, no debate, de os elementos semânticos articulados pelo *aliás* se textualizarem na ordem em que se dispõem no esquema evidencia que a caracterização mais geral do movimento argumentativo de que participa o *aliás*, tal como proposta por Ducrot et al. (1980), é válida para

7 Alvaro Dias: eu confesso/ Alckmin que às vezes eu fico constrangido. em falar de proposta\ porque eu acho que os brasileiros estão enjoados de nos ouvir todos os dias com essa enxurrada de propostas sem dizer como fazer/ sem o dinheiro pra fazer/ sem mudar o modelo que nós temos\\ mas em respeito a você eu vou responder\\

a compreensão das ocorrências do conector no debate em análise. Conforme essa caracterização, o locutor, primeiro, apresenta o ponto de vista que quer defender (conclusão *r*), para, em seguida, trazer os argumentos (P e Q) que permitem sustentá-lo.

Em nove das onze ocorrências, P e Q são argumentos claramente coorientados que conduzem à conclusão *r*, com Q atuando como um argumento suplementar. Em duas ocorrências, já apresentadas (11, 12), o *aliás* sinaliza uma autocorreção (Q corrige P), P e Q estando aparentemente antiorientados. No debate, nenhuma ocorrência do *aliás* sinaliza uma relação contra-argumentativa (concessão, contraste, antítese ou outras), o que supomos se dever sobretudo à dimensão reduzida do nosso *corpus* (cf. nota 5). Na sequência deste item, abordaremos em mais detalhes, primeiro, as nove ocorrências em que o *aliás* articula argumentos claramente coorientados e, em seguida, as duas em que o conector sinaliza uma autocorreção.

Nas nove ocorrências em que P e Q estão claramente coorientados, esses argumentos, ainda que coorientados, pertencem a diferentes “espaços argumentativos” (DUCROT et al., 1980, p. 219), constituindo, assim, formas alternativas de sustentação da mesma conclusão. Em três dessas ocorrências, duas produzidas por Meirelles e uma por Alckmin, Q constitui um autoelogio. Este excerto é um dos produzidos por Meirelles:

- (13) (r) candidato no Brasil nós temos muitas carências\ (P) e:: tem um programa de Bolsa Família/ (Q) que **aliás** existe/ porque o Brasil cresceu no período onde eu estava no Banco Central e isso permitiu a criação do Bolsa Família\ [Henrique Meirelles]

Para defender a ideia de que é preciso encontrar propostas para solucionar as carências existentes no Brasil, o candidato traz dois argumentos:

P: existe um programa de Bolsa Família;

Q: o que permitiu a criação desse programa foi o crescimento econômico do Brasil no período em que o candidato era presidente do Banco Central.

Ainda que conduzindo à mesma conclusão, os argumentos possuem naturezas distintas, já que, se P constitui uma asserção que expressa a existência de um programa social, Q sugere que esse programa foi criado graças à atuação do locutor, constituindo, portanto, uma forma de autoelogio indireto.

Nas demais seis ocorrências, três produzidas por Boulos, duas por Alckmin e uma por Dias, P e Q também são argumentos que pertencem a espaços argumentativos distintos. Porém, em Q, o candidato faz uma crítica (direta ou indireta) a um adversário ou a outra instância, como neste excerto:

- (14) (r) olha Marina/ primeiro você tem razão (P) quando diz que o trabalhador e a classe média já pagam impostos demais\ aliás (Q) quem quer aumentar imposto pra os mais pobres é o Jair Bolsonaro\ o economista dele propôs uma alíquota de vinte por cento pra o imposto de renda\ você que ganha dois mil reais e hoje tá isento/ teria que pagar quatrocentos reais de imposto\ [Guilherme Boulos]

Para justificar sua afirmação de que a adversária, Marina Silva, tem razão, o candidato traz dois argumentos:

P: o trabalhador e a classe média já pagam impostos demais (retomada de fala da adversária);
Q: um dos adversários (ausente no debate) e seu economista querem aumentar impostos.

Se P pode ser entendido como uma asserção em que se apresenta um determinado estado de coisas como um fato, Q, no contexto de um debate eleitoral, pode ser entendido como uma crítica.

Nesses nove excertos em que P e Q estão claramente coorientados, os candidatos, por meio do conector, fazem parecer que tanto o autoelogio quanto a crítica são argumentos suplementares ou dispensáveis, que não devem constituir objeto de discussão. Uma evidência disso é que, nos dois últimos excertos analisados (13, 14), ambos os candidatos, logo após Q, utilizam conectores (*mas, agora*) para sinalizar ou um retorno ao tópico de P (excerto 13') ou uma mudança parcial de tópico (excerto 14'):

- (13') (r) candidato no Brasil nós temos muitas carências\ (P) e:: tem um programa de Bolsa Família/ (Q) que **aliás** existe/ porque o Brasil cresceu no período onde eu estava no Banco Central e isso permitiu a criação do Bolsa Família\ **mas** qual é a sua proposta pra reforçar a política social/ e fazer com que menos pessoas precisem do Bolsa Família// [Henrique Meirelles]
- (14') (r) olha Marina/ primeiro você tem razão (P) quando diz que o trabalhador e a classe média já pagam impostos demais\ **aliás** (Q) quem quer aumentar imposto pra os mais pobres é o Jair Bolsonaro\ o economista dele propôs uma alíquota de vinte por cento pra o imposto de renda\ você que ganha dois mil reais e hoje tá isento/ teria que pagar quatrocentos reais de imposto\ **agora** se a gente olhar no andar de cima/ acontece o contrário\ o governo no Brasil é como se fosse um Robin Hood ao contrário\ ele tira dos mais pobres pra dar pra os mais ricos\ [Guilherme Boulos]

Sendo a finalidade geral de um debate permitir a um candidato apresentar-se ao eleitorado como mais qualificado do que o(s) adversário(s) para o cargo em disputa (KERBRAT-ORECCHIONI, 2017; CUNHA; BRAGA; BRITO, 2019), interessa compreender por que, no debate em análise, autoelogios e críticas a um adversário, ao serem introduzidas pelo *aliás*, são apresentados pelo candidato como se fossem argumentos suplementares e dispensáveis. Uma explicação possível pode estar na natureza distinta dos universos argumentativos a que P e Q pertencem, bem como em especificidades contextuais do próprio debate, o que implica a consideração dos enunciadores que se responsabilizam pelos argumentos e dos destinatários aos quais esses argumentos se endereçam e do papel do locutor na gestão (hierarquização) dos argumentos pelo *aliás*.

Como exposto, nessas nove ocorrências do *aliás*, os argumentos P e Q são qualitativamente distintos. Assim, embora sejam coorientados e conduzam à mesma conclusão, não são atribuídos aos mesmos enunciadores e não servem ao convencimento dos mesmos destinatários. Nesse sentido, na passagem de P para Q, o *aliás* sinaliza uma ruptura enunciativa (DUCROT et al., 1980). Tomando como exemplo o excerto (14), produzido por Boulos,

observamos que o locutor, em P, constrói um enunciador (Marina Silva) que se dirige a uma ampla parcela da população (todos aqueles que acreditam que o trabalhador e a classe média já pagam impostos demais) e, em Q, constrói um segundo enunciador (opositor do adversário ausente, Jair Bolsonaro) que se dirige a uma parcela mais reduzida da população (aqueles que concordam que a política econômica desse adversário é nociva para os mais pobres).

Ao introduzir Q pelo *aliás*, o locutor sinaliza que esse argumento é desnecessário para os destinatários de P (nem todos os que acreditam que o trabalhador e a classe média já pagam impostos demais acreditam que a política econômica do adversário é nociva para os mais pobres), mas é necessário para os destinatários de Q (todos os que concordam que a política econômica do adversário é nociva para os mais pobres). Ao mesmo tempo, sinaliza que o argumento mais pertinente é P, que se endereça a uma parcela mais ampla da população. Agindo assim, o locutor se apresenta como um candidato cujo intuito é dirigir-se ao maior número possível de eleitores e não àqueles que, a três dias da votação, já estão convencidos do perigo que representam para o país a eleição do adversário e a implementação dos projetos de seu economista.

Outra seria a interpretação, se, no lugar do *aliás*, o candidato tivesse empregado o *mas*, que, enquanto conector contra-argumentativo, sinaliza que o argumento que introduz é que é indispensável (ROULET et al., 1985):

- (15) (r) olha Marina/ primeiro você tem razão (P) quando diz que o trabalhador e a classe média já pagam impostos demais\ mas (Q) quem quer aumentar imposto pra os mais pobres é o Jair Bolsonaro\ o economista dele propôs uma alíquota de vinte por cento pra o imposto de renda\ você que ganha dois mil reais e hoje tá isento/ teria que pagar quatrocentos reais de imposto\

Introduzida pelo *mas*, a crítica ao adversário ganha destaque, porque o locutor sinaliza que adere ao ponto de vista do segundo enunciador (opositor de Jair Bolsonaro) e não ao do primeiro (Marina Silva). Com isso, cria-se um embate, que com o *aliás* não existe, entre

o segundo enunciador e o primeiro, o que contribui para tornar a fala do candidato mais agressiva ou polêmica.

A mesma descrição se aplica às três ocorrências em que Q traz um autoelogio. A poucos dias da votação, mais vale tentar convencer o maior número de eleitores do que afirmar supostas qualidades de que os apoiadores do candidato (destinatários de Q) já estão convencidos. Por isso, nesse momento da campanha, autoelogios já podem figurar como argumentos dispensáveis, cuja função é sobretudo a de reforçar o argumento P apresentado como central.

Fazendo de críticas a adversários e de autoelogios o argumento Q do esquema “r: P *aliás* Q”, o candidato sugere ainda aos adversários e aos eleitores que esse argumento, por ser dispensável, não merece demasiada atenção ou discussão, não precisando ser por ele justificado. Assim, o recurso ao *aliás* permite, ao mesmo tempo, passar por evidente um argumento que, tanto no caso do autoelogio, quanto no da crítica a adversários, é sempre favorável ao candidato e esvaziar o potencial de polemicidade que esse argumento poderia ter, se tivesse sido introduzido, por exemplo, pelo *mas*, como demonstrado.

Ao indicar que adere ao ponto de vista do enunciador de P, o locutor indica ainda que seu intuito não é se deter nem em críticas, que poderiam lhe render a imagem de candidato agressivo ou destemperado, nem em autoelogios, que poderiam lhe render a imagem de candidato vaidoso ou excessivamente seguro de suas capacidades. É nesse sentido que se pode dizer que, nas ocorrências analisadas, o candidato apresenta o argumento Q *como se fosse* dispensável ou desnecessário ou como um argumento suplementar, que se dá “de brinde” (DUCROT et al., 1980) aos seus apoiadores, já que seu foco, aderindo a P, é um eleitorado mais amplo, aquele que, do ponto de vista do candidato, é mais sensível a P do que a Q. Como se pode perceber, as nove ocorrências do *aliás* que articulam argumentos claramente coorientados desempenham papel importante na construção de imagens identitárias pelos candidatos.

Para concluir a análise das ocorrências do *aliás* no debate, retornamos neste ponto às duas ocorrências do conector que sinalizam uma autocorreção

ou a retificação de P por Q. Apresentamos novamente as sequências, ambas produzidas por Dias⁸:

- (16) (*r = Tenho uma boa equipe*) (**P**) ali está o meu formulador/ um dos formuladores/ que é o Pedro o:/ **aliás** (**Q**) o Paulo Rabello o meu vice-presidente/ grande formulador de propostas/ economista do ano/ [Alvaro Dias]
- (17) (*r = Conheço a realidade da educação*) (**P**) e nós devíamos ter já até 2017 trinta por cento das crianças de zero a três anos/ nas creches\ **aliás** (**Q**) deveríamos ter cinquenta por cento/ temos trinta por cento/ [Alvaro Dias]

Porque essas ocorrências do *aliás* sinalizam uma autocorreção, é possível supor, numa primeira interpretação, que P e Q, em ambos os excertos, estariam antiorientados. Porém, um exame mais atento evidencia que P e Q são argumentos que sustentam a mesma conclusão, ainda que, na passagem de P para Q, o locutor indique que parte da proposição P está equivocada ou que Q anula parte de P.

No excerto (16), para sustentar a conclusão de que tem uma boa equipe, o candidato apresenta, em P, o nome de seu formulador de propostas (Pedro). Percebendo haver se equivocado no nome, ele se corrige em Q (Paulo Rabello) e atribui a essa instância características não atribuídas em P (“o meu vice-presidente/ grande formulador de propostas/ economista do ano/”). Sinalizando a autocorreção com o *aliás*, o locutor evidencia que, embora ambos os argumentos P e Q tenham a mesma finalidade (sustentar a tese de que ele tem uma boa equipe), a proposição correspondente a P traz um erro, que ele corrige em Q. Descrição semelhante pode ser feita do excerto (17). A fim de sustentar a tese de que conhece a realidade da educação, o candidato afirma: “e nós devíamos ter já até 2017 trinta por

8 Os segmentos entre colchetes correspondem às conclusões implícitas propostas no início deste item para esses excertos. Por se tratar de conclusões hipotéticas, estão entre parênteses e em itálico.

cento das crianças de zero a três anos/ nas creches\”. Percebendo ter-se equívocado na porcentagem, ele se corrige: “deveríamos ter cinquenta por cento/ temos trinta por cento/”. Tal como no excerto (16), o candidato produz argumentos que conduzem à conclusão r, mas, dado o erro identificado em P, o retifica em Q.

Assim como nas demais nove ocorrências do conector anteriormente analisadas, nessas duas, em que o *aliás* sinaliza uma autocorreção, observa-se uma ruptura enunciativa. O locutor constrói dois enunciadores para revelar que adere ao ponto de vista de somente um deles. A grande diferença está na seleção do enunciador a cujo ponto de vista o locutor adere. Se, nas demais ocorrências do *aliás*, o locutor se identifica com o enunciador de P, nas duas em análise, o locutor se identifica com o enunciador de Q. Por isso, nos usos autocorretivos do *aliás*, o argumento que o locutor apresenta como dispensável é P e não Q, e a atuação do conector se assemelha fortemente à de conectores reformulativos não-parafrásticos (ROSSARI, 1993; 2001), sendo comutável por *na verdade* ou *ou melhor* (LOPES, 2014).

E, assim como as demais ocorrências do conector, o *aliás* em seu emprego autocorretivo exerce papel importante na construção de imagens pelo locutor. Corrigindo-se, ele impede que um adversário, ao tomar a palavra, denuncie seu erro, o que, no contexto de um debate, seria bastante prejudicial para a face do locutor, enquanto candidato. Nas ocorrências em análise, Dias sairia do debate com a face fortemente atacada, se um adversário revelasse ao eleitorado que ele desconhece o nome do próprio vice-presidente (excerto 16) ou que ele, embora tenha sido relator do plano nacional de educação, desconhece a porcentagem exata de crianças de zero a três anos em creches (excerto 17). Em ambos os casos, a própria legitimidade de Dias para disputar o posto de presidente da República ficaria comprometida ou fragilizada. Nesse sentido, o uso autocorretivo do *aliás* possibilita ao candidato prevenir, bloqueando, possíveis objeções (ataques) que poderia receber de adversários.

Considerações finais

Neste trabalho, propusemos um estudo do *aliás*, descrevendo o funcionamento das onze ocorrências desse conector constantes no último debate eleitoral da campanha à Presidência da República do Brasil, ocorrida em 2018. Realizada à luz da caracterização proposta, no quadro da Semântica da Enunciação (DUCROT et al., 1980), para o conector do francês *d'ailleurs*, a descrição revelou que, no debate, o *aliás* exibe um funcionamento complexo. Empregando esse conector, o locutor instrui o alocutário a identificar dois argumentos coorientados que conduzem a uma mesma conclusão. Ao mesmo tempo, sinaliza que adere a um desses argumentos e que o outro deve ser entendido como desnecessário à sustentação da conclusão. A partir dessa caracterização geral, identificamos no debate dois usos do conector, um em que introduz um argumento suplementar e outro em que introduz uma correção ou retificação. No uso argumentativo do *aliás*, que correspondeu a nove ocorrências do conector, o locutor adere ao argumento situado à esquerda do conector. No uso (auto)corretivo, correspondente às outras duas ocorrências do *aliás*, o locutor adere ao argumento introduzido pelo conector.

Em ambos os usos, o locutor promove uma ruptura enunciativa na passagem do primeiro argumento para o segundo, o que significa que cada argumento é assumido por um enunciador e endereçado a um destinatário. No debate, a polifonia sinalizada pelo *aliás*, indicando rupturas enunciativas, pode ser usada estrategicamente pelos candidatos. Afinal, atribuindo os argumentos a diferentes instâncias, o locutor consegue atribuir diferentes graus de importância aos argumentos, graduar a maior ou menor amplitude de seu público-alvo, decidindo a quem endereçar propostas, críticas e elogios, bem como poupar-se de ataques, corrigindo-se, antes que adversários o corrijam.

Na perspectiva enunciativa em que se baseou este estudo, o conector *aliás* surge, assim, como um elemento importante que, em um debate eleitoral, possibilita ao locutor construir para si determinadas imagens (faces), proteger a imagem construída de ataques e mesmo atacar adversários. Nesse sentido,

verifica-se que o *aliás* constitui parte do arsenal linguístico e textual que os candidatos mobilizam no trabalho de construção de imagens favoráveis de si e desfavoráveis dos adversários, a fim de convencerem o eleitorado. Revelando a complexidade do *aliás* no último debate da campanha presidencial de 2018, este estudo buscou trazer contribuições para um entendimento semântica e enunciativamente orientado do papel dos conectores no gênero debate eleitoral.

Agradecimentos

Gustavo Ximenes Cunha agradece ao CNPq a concessão da bolsa de Produtividade em Pesquisa (nível 2). Processo: 304244/2019-8.

Referências

ALMEIDA, D. M. V. O marcador do discurso *aliás* e suas possibilidades para a língua espanhola. **Entretextos**, Londrina, v. 13, n. 2, p. 344-362, 2013.

ANSCOMBRE, J. C.; DUCROT, O. **L'argumentation dans la langue**. Liège: Pierre Mardaga, 1983.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2009.

CASTRO, M. C. L. A estratégia discursiva original do conector “*aliás*”. **Moara**, Belém, n. 8, p. 81-94, 1997.

CUNHA, G. X. A construção de imagens de si no discurso organizacional. In: TOMAZI, M. M.; ROCHA, L. H. P.; POMPEU, J. C. (orgs.). **Estudos discursivos em diferentes perspectivas: mídia, sociedade e direito**. São Paulo: Terracota Editora, 2016, p. 111-126.

CUNHA, G. X.; BRAGA, P. B.; BRITO, D. M. As funções figurativas do comentário metadiscursivo em debates eleitorais. **Cadernos de linguagem e sociedade**, Brasília, v. 20, n. 2, p. 168-187, 2019.

DUCROT, O. **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes, 1987.

DUCROT, O.; BOURCIER, D.; BRUXELLES, S.; DILLER, A. M.; FOUQUIER, É.; GOUAZE, J.; SIRDAR-ISKANDAR, C. **Les mots du discours**. Paris: Minuit, 1980.

GOFFMAN, E. On face-work: an analysis of ritual elements in social interaction. In: GOFFMAN, E. **Interaction Ritual**: essays on face-to-face behavior. New York: Pantheon Books, 1967. p. 5-45.

GRICE, H. P. Logic and conversation. In: COLE, P.; MORGAN, J. L. (eds.). **Syntax and semantics**: Speech Acts, v. 3. New York: Academic Press, 1975. p. 41-48.

RAMOS, N. R. **Usos semântico-pragmáticos de aliás: uma análise centrada no uso**. 2019. 92f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) – Faculdade de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.

RAMOS, N. R. A multifuncionalidade de aliás: valores semânticos em perspectiva funcional. **Working Papers em Linguística**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 220-240, 2020.

ROSÁRIO, I. C.; RAMOS, N. R. Aspectos morfossintáticos e usos semântico-pragmáticos de aliás - uma análise centrada no uso. **Confluência**, Rio de Janeiro, n. 58, p. 106-134, 2020.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. **Les débats de l'entre-deux-tours des élections présidentielles françaises**: constantes et évolutions d'un genre. Paris: L'Harmattan, 2017.

KOCH, I. G. V. **A inter-ação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 1997.

KOCH, I. G. V. **Introdução à Linguística Textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

KOCH, I. G. V. **Argumentação e linguagem**. São Paulo: Cortez, 2008.

KOCH, I. G. V. **A coesão textual**. São Paulo: Contexto, 2009.

LAROUSSE: francês-português/português-francês. São Paulo: Larousse do Brasil, 2008.

LOPES, A. C. M. Aliás: A contribution to the study of a Portuguese discourse marker. In: GHEZZI, C.; MOLINELLI, P. (eds.). **Discourse and Pragmatic Markers from Latin to the Romance Languages**. Oxford: Oxford University Press, 2014. p. 211-221.

LOPES, A. C. M. Texto, relações discursivas e ensino. In: LOHÖFER, A.; SÜSELBECK, K. (eds.). **Streifzüge durch die Romania**. Festschrift für Gabriele Beck-Busse zum 60. Geburtstag. Stuttgart: Ibidem-Verlag, 2017. p. 1-14. Disponível em: <https://eg.uc.pt/handle/10316/47882>.

LUSCHER, J. M. Les marques de connexion: des guides pour l'interprétation. MOESCHLER, J. et al. **Langage et pertinence: référence temporelle, anaphore, connecteurs et métaphore**. Nancy: Presses Universitaires de Nancy, 1994. p. 175-228.

MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em Análise do Discurso**. Campinas: Pontes, 1997.

MAROTE, J. T. O. (org.). **Minidicionário francês-português/português-francês**. São Paulo: Ática, 2002.

MICHAELIS. **D'ailleurs**. São Paulo: Melhoramentos, 2021. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/palavra/odQqo/d/E99%80%20ailleurs/>.

OLIVEIRA, H. F. Os conectores reformulativos. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 5, n. 9, p. 229-233, 2001.

PORTOLÉS, J. Marcadores del discurso y traducción. In: PALACIOS, J. G.; FUENTES, M. T. (eds.). **Texto, terminología y traducción**. Salamanca: Almar, 2002. p. 145-167.

ROSSARI, C. **Les opérations de reformulation: analyse du processus et des marques dans une perspective contrastive français-italien**. Berne: Peter Lang, 1993.

ROSSARI, C. **Connecteurs et relations de discours**: des liens entre cognition et signification. Nancy: Presses Universitaires de Nancy, 2001.

ROULET, E.; AUCLIN, A.; MOESCHLER, J.; RUBATTEL, C.; SCHELLING, M. **L'articulation du discours en français contemporain**. Berne: Peter Lang, 1985.

ROULET, E.; FILLIETTAZ, L.; GROBET, A. **Un modèle et un instrument d'analyse de l'organisation du discours**. Berne: Peter Lang, 2001.

Anexo⁹

Alvaro Dias:

(r) vocês é que são uma brincadeira governando\ (P = Ø) e aliás (Q) quando cê fala do seu desempenho no Ministério da Educação/ eu fico pensando que você estava na Dinamarca\ [2º bloco, tema 4: gastos públicos]

(r = Ø) (P) ali está o meu formulador/ um dos formuladores/ que é o Pedro o:/ aliás (Q) o Paulo Rabello o meu vice-presidente/ grande formulador de propostas/ economista do ano/ [4º bloco, tema 5: educação]

(r = Ø) (P) e nós devíamos ter já até 2017 trinta por cento das crianças de zero a três anos/ nas creches\ aliás (Q) deveríamos ter cinquenta por cento/ temos trinta por cento/ [4º bloco, tema 5: educação]

9 Neste anexo, os excertos com as onze ocorrências do conector aliás estão distribuídos pelos candidatos que as produziram. O debate de onde foram extraídas as ocorrências se compõe de quatro blocos, e cada bloco, de sete temas (saúde, gastos públicos, meio ambiente, etc.). Indicados pelo moderador do debate nos 1.º e 3.º blocos e escolhidos pelos candidatos nos 2.º e 4.º blocos, os temas deviam orientar a formulação da pergunta por um candidato a um adversário. Para uma localização aproximada do excerto no debate completo, indicamos, ao final de cada excerto, o bloco do debate onde o excerto ocorreu, bem como o tema a que se liga.

Geraldo Alckmin:

(r) a reforma trabalhista foi necessária\ ela foi importante pra acabar com cartórios\ **(P)** o país tinha dezessete\ ainda tem \V mil sindicatos/ mamando lá no imposto sindical\ na contribuição obrigatória\ **aliás (Q)** o mais absurdo/ cinco mil e setecentos patronal\ isso é um absurdo verdadeiro\ [1º bloco, tema 4: reforma trabalhista]

(r) o Temer é responsabilidade do PT\ **(P)** foi o PT que escolheu o Temer\ **aliás (Q)** escolheu duas vezes\ é reincidente\ escolheu em 2010 e escolheu em 2014\ eu não votei no: no Temer\ [1º bloco, tema 4: reforma trabalhista]

(r) habitação\ então nossa proposta são três milhões de moradias\ **(P)** a gente vai atender de um lado o emprego\ que a construção civil gera muito emprego\ e casa pra quem precisa\ **aliás (Q)** São Paulo foi um exemplo\ nós investimos um por cento do ICMS só pra habitação/ então quem ganha um salário mínimo tem acesso à casa própria\ [4º bloco, tema 3: políticas sociais]

Guilherme Boulos:

(r) você. junto com o Temer/ o Bolsonaro/ apoiou a reforma trabalhista que retirou direitos históricos dos trabalhadores\ **(P)** pra vocês/ pra o trabalhador ter emprego/ ele não pode ter direitos\ pra o trabalhador ter emprego ele não pode ter carteira assinada/ férias\ **aliás (Q)** o vice do Bolsonaro defendeu a mesma coisa\ [1º bloco, tema 4: reforma trabalhista]

(r) agora quero dizer o seguinte\ o sistema político brasileiro tá podre\ **(P)** a turma do PMDB do Meirelles essa turma toda/ **(Q)** que **aliás** o Bolsonaro faz parte\ que diz que é de fora do sistema mas é deputado há trinta anos/ recebeu auxílio-moradia tendo casa enriqueceu na política/ comprou mais imóveis do que aprovou projeto/ **(P)** essa turma toda não vai mudar\ [3º bloco, tema 3: corrupção]

(r) olha Marina/ primeiro você tem razão **(P)** quando diz que o trabalhador e a classe média já pagam impostos demais\ **aliás (Q)** quem quer aumentar imposto pra os mais pobres é o Jair Bolsonaro\ o economista dele propôs uma alíquota de vinte por cento pra o imposto de renda\ você que ganha dois mil reais e hoje tá isento/ teria que pagar quatrocentos reais de imposto\ [4º bloco, tema 6: Impostos]

Henrique Meirelles:

(r) mas eu tenho absoluta tranquilidade para lidar com o tema de uso de cargos e de corrupção e de tudo aquilo que preocupa hoje fortemente os brasileiros/ **(P)** porque. em trinta e três anos de trabalho em empresa em dez anos de serviço público/ eu nunca tive uma denúncia por corrupção\ não tenho nenhum processo\ **aliás (Q)** candidato eu estou pensando em criar o movimento dos sem processos. porque com isso nós vamos de fato fazer algo importante para a população brasileira hoje\ [1º bloco, tema 3: economia]

(r) candidato no Brasil nós temos muitas carências\ **(P)** e:: tem um programa de Bolsa Família/ **(Q)** que **aliás** existe/ porque o Brasil cresceu no período onde eu estava no Banco Central e isso permitiu a criação do Bolsa Família\ [4º bloco, tema 3: políticas sociais]